



e-ISSN: 2447-8180

DOI: 10.19180/2447-8180.v4n12020p217-227

Submetido em: 13 mar. 2020

Aceito em: 7 maio 2020

A educação em saúde para além dos muros do Instituto Federal Fluminense

Health education beyond the walls of the Federal Fluminense Institute

Ligia Cordeiro Matos Faial

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Fluminense (IFF) *Campus* Bom Jesus. E-mail: lfaial@iff.edu.br

Cidllan Silveira Gomes Faial

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Fluminense (IFF) *Campus* Bom Jesus. E-mail: cfaial@iff.edu.br

Alexcievenny Oliveira Furtado

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Fluminense (IFF) *Campus* Bom Jesus. E-mail: alexcievenny2019@outlook.com

João Mateus Ferreira Ribeiro

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Fluminense (IFF) *Campus* Bom Jesus. E-mail: mateusribeiro20171928@outlook.com

Rose Mary Costa Rosa Andrade Silva

Escola de Enfermagem Aurora de Afonso Costa, Universidade Federal Fluminense (UFF). E-mail: roserosauff@gmail.com

Eliane Ramos Pereira

Escola de Enfermagem Aurora de Afonso Costa, Universidade Federal Fluminense (UFF). E-mail: elianeramos.uff@gmail.com

Resumo

Trata-se de um estudo descritivo de abordagem qualitativa, tipo relato de experiência, com objetivo de descrever a experiência da sessão de educação em saúde aos alunos adolescentes do ensino médio no Colégio Estadual Maria da Conceição Pereira Pinto. A realização desta proposta pedagógica em saúde extensionista surge do exitoso projeto piloto de educação em saúde aos alunos do Instituto Federal Fluminense. Neste projeto foram trabalhadas temáticas escolhidas pelo público juvenil apoiadas no lúdico e na arte. A experiência pedagógica lúdica em saúde, fora dos muros institucionais, despertou entre seus pares interesse de aprender brincando. Marcadas pelo ineditismo e norteadas pela recreação, as sessões produziram conhecimento oportuno para aquisição de normas de comportamentos saudáveis. A arte e o lúdico são facilitadores para o ensino em saúde, já que estabelecem vínculo e derrubam barreiras que distanciam os profissionais de saúde e adolescentes com foco no equilíbrio biopsicossocial juvenil. A estratégia pedagógica do discente reorganiza o pensar e fazer saúde na escola; ao produzir o saber, previne comportamento de riscos, frente às vulnerabilidades vivenciadas, e transforma o indivíduo em protagonista do autocuidado.

Palavras-chave: Educação em Saúde. Lúdico. Adolescente.

Abstract

This is a descriptive study with a qualitative approach, type of experience report, with the objective of describing the experience of the health education session for adolescent high school students at Colégio Estadual Maria da Conceição Pereira Pinto. The realization of this pedagogical proposal in extensionist health arises from the successful pilot project of health education for students of the Instituto Federal Fluminense. This project worked on themes chosen by the youth audience based on play and art. The playful pedagogical experience in health outside the institutional walls, aroused interest among peers to learn while playing. Marked by originality and guided by recreation, the sessions produced timely knowledge for the acquisition of norms of healthy behaviors. Art and play are facilitators for health education, since it establishes bonds and breaks down barriers that distance health professionals and adolescents with a focus on youth biopsychosocial balance. The student's pedagogical strategy reorganizes thinking and doing health at school, by producing knowledge, preventing risk behavior, in the face of experienced vulnerabilities, and transforming the individual into the protagonist of self-care.

Keywords: Health Education. Ludic. Teenager.

1. Introdução

Adolescência é uma fase caracterizada por mudanças biológicas, psicológicas e sociais que culminam com o crescimento e desenvolvimento do ser adolescente. Seu início é caracterizado pela puberdade, com o aparecimento das características sexuais secundárias, como a menarca, o crescimento das mamas, o aparecimento dos pelos pubianos e axilares e o desenvolvimento do quadril nas meninas. Já no sexo masculino observa-se o surgimento dos pelos faciais, axilares e pubianos, mudança da tonicidade da voz, crescimento da genitália e a estatura (AZEVEDO; REATO, 2019).

O adolescente vivencia o luto do corpo infantil, porém ainda não adquiriu a maturidade necessária para lidar com o corpo sexuado que predomina, e encontra-se em busca de sua identidade. Trata-se de um momento de transformações psíquicas, capaz de aflorar sentimentos e sofrimentos inevitáveis. Diante dessas transformações cognitivas, muitos estigmatizam essa fase como “aborrecência”. No entanto, a avalanche hormonal que permeia essa mudança comportamental é caracterizada como a “Síndrome da Adolescência Normal”, em que se observa: a) busca de si mesmo e da identidade adulta; b) tendência grupal; c) necessidade de intelectualizar

e fantasiar; d) crises religiosas; e) deslocação temporal; f) evolução sexual desde o autoerotismo até a homossexualidade; g) atitude social reivindicatória e contradições sucessivas em todas as manifestações de conduta; h) separação progressiva dos pais; e i) constantes flutuações de humor e de estado de ânimo (ABERASTURY *et al.*, 1984; ERICKSON, 1976).

Ao almejar a conquista de sua identidade e autonomia, o adolescente pode pertencer a um grupo de risco, frente às vulnerabilidades percebidas. Define-se como vulnerabilidades os danos à saúde do adolescente sob interferência da realidade, acrescidos pelas necessidades subjetivas e objetivas dos sujeitos. Concomitante a esse conceito define-se risco como a chance de sofrer danos psicológicos, físicos, e, em caso extremo, o óbito. Esse contexto se agrava em decorrência de eventos sociais como: conflito e/ou divórcio dos pais, miserabilidade, pobreza, desemprego no lar, exemplo de drogadição no ambiente familiar, morte de progenitores ou familiar próximo, que, acrescidos da carência de ações de saúde voltadas para o acolhimento desse público púbere, facilitam o desenvolvimento de vulnerabilidades diante dos riscos à saúde do adolescente, com destaque para a libação alcoólica, consumo de drogas ilícitas, potencializando comportamentos violentos e alimentando comportamento sexual de risco, o qual facilita a transmissão de infecções sexualmente transmissíveis e o advento da gravidez não programada (CROMACK; BURSZTYN; TURA, 2009; FAIAL *et al.*, 2016a; REIS *et al.*, 2014; WHO, 2014).

Nas últimas décadas, tem-se observado um descuido dos profissionais da saúde e da sociedade quanto à orientação e ao acolhimento dos jovens frente às vulnerabilidades vivenciadas, deixando a cargo destes essa responsabilidade. Além disso, observa-se a tímida procura dos adolescentes pelos serviços de saúde, o despreparo dos profissionais de saúde no cuidado desse público, a discreta participação das escolas na vida desses jovens, assim como a falta de diálogo com a família, que, em geral, negligencia os fatos. Nesse emaranhado de responsabilidades difusas, a juventude é bombardeada pelos meios de comunicação, que usam seu poder de persuasão ao estimular comportamentos de risco como artifício da liberdade do ser (BRASIL, 2006a; CASEMIRO; FONSECA; SECCO, 2014).

A educação em saúde é um instrumento usado entre as práticas de promoção da saúde ao adolescente, pois a produção de conhecimento em saúde é um facilitador para escolhas conscientes de hábitos saudáveis de vida, a fim de perpetuá-los na adultez.

Segundo o Ministério da Saúde (BRASIL, 2006b), a educação em saúde é um conjunto de práticas pedagógicas emancipatórias, pois, ao transmitir o saber, transforma o indivíduo em protagonista do seu autocuidado. Essa ação é alicerçada por três pilares: os profissionais de saúde – os agentes da prevenção, promoção e proteção à saúde; os gestores – os organizadores dos recursos –; e o usuário – o cliente ávido por conhecimento para o desenvolvimento de sua autonomia e emancipação.

O lúdico e a arte são ferramentas já empregadas no processo do cuidar, visto que suavizam vivências traumáticas, devolvendo equilíbrio ao bem-estar físico e emocional. Já que o brincar e o criar despertam sentimentos agradáveis, resgatando a ingenuidade de ser adolescente e diminuindo as inseguranças, reorganizam sentimentos e pensamentos (MARQUES *et al.*, 2016; OLIVEIRA *et al.*, 2016).

Ao manusear o lúdico e a arte, o profissional de saúde estabelece interações e vínculos com os adolescentes e a família, desconstruindo os obstáculos que os separam. A partir das interações e vínculos construídos, o profissional de saúde tem a oportunidade de aproximar-se da realidade de cada jovem e conhecer seus anseios e necessidades, primícias para desenvolver o cuidado de forma holística e integral (FAIAL, 2019).

A escola é um ambiente formador de conhecimento e habilidades, local de relações e inter-relações socioculturais entre o adolescente e seus pares. Trata-se de um espaço profícuo para o desenvolvimento de práticas educativas em saúde; ao abordar assuntos do cotidiano dos jovens, estimula a aquisição de normas e comportamentos saudáveis à emancipação de seus membros e da comunidade (FAIAL, 2016b).

Nesse contexto, o estudo teve como objetivo descrever a experiência da sessão de educação em saúde aos alunos adolescentes do ensino médio no Colégio Estadual Maria da Conceição Pereira Pinto.

2. Metodologia

Ao compreender que o fazer saúde escolar ao aluno adolescente transcende a simples intervenção ambulatorial, compreendendo uma assistência holística que abranja o anseio juvenil inserido em seu contexto sociocultural, teve início um projeto piloto intitulado “A percepção do adolescente acerca da educação em saúde pelo lúdico e pela arte: um estudo fenomenológico”. Essa proposta apresentava como objetivo geral compreender a percepção do aluno adolescente acerca da educação em saúde pelo lúdico e pela arte, e como objetivo específico construir estratégias de intervenção à saúde do adolescente através do lúdico e da arte, por meio da experiência de escuta do aluno adolescente.

O cenário escolhido foi o Instituto Federal Fluminense (IFF) Campus Bom Jesus e como participantes os alunos adolescentes matriculados nos cursos técnicos do ensino médio. Desenvolveu-se um estudo descritivo fenomenológico de abordagem qualitativa, cuja técnica de produção de dados foram os manuscritos depositados nas urnas em resposta ao seguinte questionamento: como você percebe a educação em saúde pelo lúdico e pela arte?

A partir de material de escritório, foram construídas seis urnas artisticamente decoradas: três em formato de lápis e três em formato de cubo mágico. Cada instrumento estampava a seguinte pergunta: “Qual a sua dúvida em relação a um tema de saúde? Deposite aqui”. A cada mês, duas das seis urnas foram distribuídas nas dependências da escola, em locais de maior fluxo de alunos (refeitório e biblioteca), nos primeiros 20 dias mensais. De forma itinerante, as demais perpassaram todas as turmas dos cursos técnicos do ensino médio, com o objetivo de avivar o envolvimento dos participantes, que deixavam registrado um assunto de seu interesse a ser discutido. Ao final do período de exibição a cada mês, urnas foram recolhidas e abertas. Os manuscritos foram lidos

e distribuídos segundo o conteúdo identificado, e a temática eleita foi aquela com maior repetição redigida nos manuscritos apurados. Os temas apurados foram: educação em sexualidade, saúde mental e neurociência, nos meses de agosto, setembro e outubro de 2018, respectivamente; e infecções sexualmente transmissíveis (ISTs), crise convulsiva e drogas, nos meses de junho, setembro e novembro de 2019, na mesma sequência.

As sessões de educação em saúde ocorreram na última semana dos meses elucidados acima, perpassando as 24 turmas do ensino médio em horários disponibilizados pelos professores. A cada encontro, com o auxílio dos bolsistas, buscou-se prestar esclarecimentos à comunidade escolar, sanar dúvidas e apresentar a visão da saúde sobre o conteúdo de interesse dos alunos por meio de uma breve exposição do assunto, acrescida de uma dinâmica e/ou jogo relacionado com o desejo de fazê-los interagir com a mensagem a ser transmitida. Foram realizados a “dinâmica da bexiga”, com as perguntas no encontro sobre educação em sexualidade; a “caixinha com espelho”, ao trabalhar saúde mental; o “jogo inteligente”, quando abordada a neurociência; “a discoteca das ISTs”, ao contemplar a temática de infecções sexualmente transmissíveis; uma simulação de uma “crise convulsiva” e a “tempestade em alto mar”, nas sessões sobre drogas.

Ao término de cada sessão pedagógica, os discentes eram convidados a responder a seguinte pergunta: “qual a sua percepção em relação à educação em saúde pelo lúdico e pela arte?”. De forma voluntária, os alunos respondiam através de manuscritos depositados na urna exposta a cada encontro pedagógico.

Nas sessões de educação em saúde propostas, foi observado um maior envolvimento dos alunos adolescentes. Houve alunos que ficaram tão entusiasmados e interessados com a temática que participaram da mesma sessão em turmas adjacentes, aumentando a participação. Além disso, as sessões de educação em saúde com os discentes ganharam visibilidade no conselho de classe, graças à participação de alguns docentes, como duas professoras de português, um professor de língua estrangeira, o professor de agricultura IV e da diretora da assistência integral à formação do estudante.

As sessões educacionais permitiram estreitar laços e aumentar o interesse do ser adolescente pelo cuidado de si e do outro, pois muitos se dirigiram ao espaço saúde para sanar dúvidas e buscar esclarecimentos, revelar suas angústias e sofrimentos, enfim, para serem acolhidos.

Diante desse movimento de educação em saúde na escola, estudamos a possibilidade de levar nossa proposta para alunos adolescentes do ensino médio das escolas da rede pública de Bom Jesus. Para tal, surgiu a ideia de executar uma exposição piloto em apenas uma escola, tendo em vista a aproximação do final do ano e, ao constatar que uma servidora de nosso *campus* possuía vínculo em uma escola estadual no distrito de Bom Jesus, a mesma viabilizou o contato com a escola. O projeto e as sessões educacionais já desenvolvidas foram expostos à diretora da Escola Estadual Maria da Conceição Pereira Pinto, colégio situado na usina Santa Maria, distrito de Bom Jesus do Itabapoana, cujos participantes seriam os alunos adolescentes matriculados no ensino médio deste recinto educacional. Coincidentemente, a referida escola havia reservado, previamente, o mês de novembro para trabalhar a saúde, logo a sessão sobre infecções sexualmente transmissíveis foi selecionada.

Agendamos nosso encontro para a manhã do dia onze de novembro de 2019. Fomos recebidos com uma bela mesa de café preparada pela direção. As duas turmas de alunos do ensino médio encontravam-se em sala de aula, enquanto arrumávamos nosso encontro no refeitório juntamente com os servidores e funcionários da escola que disponibilizaram a tela, o projetor e o microfone. Levamos uma urna em formato de cubo mágico em MDF (*Medium Density Fiberboard*, ou em português, placa de fibra de média densidade) e o computador da coordenadora.

No intervalo, os funcionários conduziram os quarenta e sete alunos ao refeitório. Cientes de que receberiam uma equipe do Instituto Federal Fluminense, foram se acomodando nos bancos do refeitório e em cadeiras ao redor da tela de projeção. Nossa equipe foi apresentada e a sessão pedagógica iniciada.

Foi realizada uma breve exposição do projeto, apresentando fotos de todas as sessões pedagógicas em saúde realizadas no IFF, exibindo a urna presente ali na mesa, e conversando como se processava a dinâmica de escolha da temática em saúde. Logo, o tema infecções sexualmente transmissíveis tomou conta do encontro, sendo explicitada a diferença entre doença e infecção sexualmente transmissível, vulnerabilidade, taxa de propagação, relatando uma breve descrição das onze ISTs e suas consequências, a necessidade de se prevenir e controlar, finalizando com uma lúdica dinâmica – A balada das ISTs.

Nesta recreativa dinâmica, os alunos e funcionários ali presentes foram divididos em dois grupos de 10 e dois grupos de 11 pessoas. Foi distribuída, a cada participante, uma ficha com uma figura geométrica no topo, de forma que, em cada grupo de 10 participantes, sete de seus membros receberam a ficha com círculo, dois com quadrado e um com triângulo. No grupo de onze membros, oito deles receberam a ficha com círculo. Quando a música tocava, o participante poderia dançar pela sala e conversar com seu colega do mesmo grupo com a finalidade de integração. Ao parar a música, reciprocamente, ele deveria copiar o desenho geométrico do colega com quem entrou em contato. Ao iniciar a música, todos deveriam se aproximar de outro colega e simultaneamente copiar a figura geométrica ao término da melodia. Esse movimento se repetiu por cinco vezes e, ao final, cada membro apresentou sua legenda de figura ao grupo. Os participantes, apesar da timidez, ficaram eufóricos e aderiram à brincadeira. Eles levantaram, fizeram os contatos com seus pares e anotaram os desenhos.

Finalizando as cinco operações, para realizar uma reflexão sobre o autocuidado, a vivência sexual prazerosa e responsável, o comportamento de risco e a cadeia de transmissão, a plateia foi indagada sobre: quantos participantes começaram o jogo com círculo, com quadrado e com triângulo? Quantos terminaram a dinâmica sem triângulo na folha? O que significa mais de um quadrado na mesma ficha? Quantos iniciaram e findaram a brincadeira com círculo?

Como resposta aos questionamentos, do grupo de cinquenta e três pessoas: trinta e oito iniciaram com círculo, 10 com quadrado e 5 com triângulo. Onze terminaram a brincadeira sem triângulo na ficha e apenas seis participantes iniciaram e terminaram o jogo com círculo. Em seguida, foi discutido com a plateia o significado de cada figura geométrica: o círculo representou a pessoa sadia; o quadrado, o portador de infecções sexualmente transmissíveis; e o triângulo, o portador do vírus da imunodeficiência adquirida (HIV).

A partir daí, foi explicitado que ser portador de uma infecção sexualmente transmissível representa um fator de risco para transmitir e adquirir outra infecção. Finalizando, foi questionado aos participantes se há como prever o portador de ISTs e /ou HIV pela aparência física. O grupo firmemente se posicionou que não é possível essa relação. E, quando indagados se existe preocupação de adquirirem ISTs e/ou HIV, todos mostraram grande apreensão e inquietude.

Logo, a dinâmica da balada das ISTs conseguiu transmitir a mensagem da possibilidade de contaminação sexual por ISTs e por doença da imunodeficiência humana adquirida, explicitando a cadeia de transmissão pela simulação dos encontros a cada intervalo da melodia. A reflexão final chamou atenção para a necessidade da prática do sexo seguro como escudo de proteção contra a aquisição de ISTs e/ou AIDS, a gravidez não programada e o aborto e suas complicações.

Os alunos e funcionários ficaram satisfeitos e radiantes com a mensagem transmitida pela brincadeira lúdica, entusiasmados com o projeto de ensino e aprendizagem em saúde, quando a direção solicitou a continuação dos encontros educacionais, e o envio de uma urna para o ano de 2020. Todos assinaram a folha de presença, o que permitiu a confecção e o envio de certificados de participação da sessão pedagógica em saúde realizada.

3. Resultados, desenvolvimento e discussão

O dia onze de novembro significou um marco, pois oportunizou estreitar laços entre o Instituto Federal Fluminense Campus Bom Jesus e a Escola Estadual Maria da Conceição Pereira Pinto, momento notável em que o projeto pedagógico em saúde ganhou asas, transcendendo os muros das salas de aula institucionais. O lúdico e a arte nas sessões pedagógicas foram balizadores para o sucesso dessa aproximação, suavizando a transmissão do saber com foco no equilíbrio e bem-estar biopsicossocial do aluno adolescente.

Estimulados pelo trabalho pedagógico inovador desenvolvido, alunos e o corpo de funcionários do colégio estadual, junto à direção, manifestaram o desejo de participarem do projeto no ano de 2020. Solicitaram o envio da urna em cubo mágico para a coleta da temática, com posterior agendamento da sessão educacional, a fim de perpetuar a parceria entre as instituições.

O encontro educativo em saúde entre profissionais de saúde e discentes engrandece o vínculo e a interação entre ambos, reorganiza o fazer saúde escolar e auxilia o aluno no autocuidado e no cuidado de seus pares. Vale ressaltar que a educação em saúde é objeto do cuidado de si e do outro, já que o aluno adolescente é atravessado pelo conhecimento emanado a cada encontro e identifica o outro como um prolongamento do cuidado de si. A criação de espaços educativos não se restringe ao encontro pontual, mas reafirma a unicidade do cuidado, uma vez que proporciona uma aproximação entre profissionais de saúde e adolescentes, desconstruindo barreiras que os distanciam. Estudos mostram que a ação pedagógica nos espaços de saúde aumenta a procura por assistência, melhorando a qualidade dos serviços prestados (FAIAL, 2019a; GOULART; LUCCHESI; CHIARI, 2010).

O lúdico e a arte são ferramentas efetivas para estabelecer contato com o público juvenil. A utilização do lúdico nos espaços educativos permite não somente transmitir o saber, mas também provoca reflexões de assuntos que promovam mudanças de conceitos e atitudes relacionadas ao binômio saúde-doença na adolescência (NASCIMENTO *et al.*, 2012). A educação em saúde a partir da dialogicidade, do lúdico e da arte desenvolve a construção do saber pela prosa, com respeito às ideias e aos saberes em que profissional de saúde e aluno exercem papel ativo do processo de ensinar-aprender-brincar (FONTANA; SANTOS; BRUM, 2013). A utilização do lúdico na saúde é de fácil aplicação e ameniza vivências conflituosas geradas por vulnerabilidades à saúde do indivíduo. Essa prática abarca uma diversidade de ações através da conversação, podendo lançar mão de brincadeiras, encenações, danças, desenhos, dando asas à imaginação. Porém, ainda que os profissionais de saúde compreendam seu valor, muitos não a desenvolvem, devido à falta de estímulo das instituições, por ausência de capacitação dos profissionais de saúde e até mesmo por acomodação (PINTO *et al.*, 2015).

Essa proposta educacional ganhou visibilidade ao ser premiada no VI Congresso de Ensino, Pesquisa e Extensão de 2019 (CONEPE 2019) – Educação, Ciência e Tecnologia para o desenvolvimento sustentável, ocorrido no Campus Guarus, com resumo intitulado “A arte de educação em saúde numa perspectiva fenomenológica”. Durante apreciação do mesmo, a equipe de avaliadores informou que já havia escutado sobre a proposta educacional em saúde realizada no Campus Bom Jesus e, ao tomar ciência da dinâmica de extensão do referido projeto a uma escola estadual adjacente, manifestou o convite para apresentação do referido projeto ao curso Técnico de Enfermagem do Campus Guarus, a fim de capacitar os alunos a multiplicadores da proposta pedagógica em saúde ao aluno adolescente. Tal solicitação foi acolhida com grande júbilo e estímulo pelos membros da equipe para prosseguir nessa caminhada, agora com possibilidade de realizar a proposta em outro Campus e, quem sabe um dia, transformá-la em política de saúde ao aluno adolescente do Instituto Federal Fluminense.

O trabalho atingiu sua completude com sua condecoração no mesmo evento, ao receber a menção honrosa, momento de grande satisfação e entusiasmo da equipe, retornando com novas ideias e sugestões de aperfeiçoamento do desenho da pesquisa.

Muitas foram as limitações para a realização do projeto, sendo a primeira delas a danificação das urnas de papel cartão, demandando a substituição das mesmas. A confecção, a pintura e a adesivação das onze urnas de MDF em formato de cubo mágico demoraram um tempo relativamente longo, momento de morosidade do processo devido à baixa aderência do bolsista, o que levou ao seu afastamento. Após a seleção, os dois alunos que assumiram (bolsista e voluntário) apresentaram grande afinidade com o trabalho e as responsabilidades do projeto, o que facilitou o prosseguimento do nosso planejamento pedagógico em saúde.

Outra limitação identificada foi a dificuldade junto a calendário acadêmico institucional, em disponibilizar intervalos para aplicar as sessões educacionais em saúde. Muitas sessões foram agendadas em horário de aula vaga e/ou aula cedida pelo docente e este, quando ausente,

favorecia baixa adesão dos alunos às sessões. O calendário acadêmico prejudicou a liberação dos bolsistas para ações educacionais de extensão, o que inviabilizou o agendamento de um maior número de ações de extensão.

Dentre as contribuições do projeto, pode-se enumerar a produção da saber lúdico em saúde junto aos alunos da instituição e externos, incentivando reflexões acerca de assuntos do conhecimento juvenil, a fim de provocar mudanças para atitudes comportamentais saudáveis ao enfrentamento dos riscos e vulnerabilidades vivenciadas. Além disso, o projeto fomenta sua perpetuação com possibilidade de multiplicação da criação de espaços educacionais em saúde através da dialogicidade, do lúdico e da arte, reorganizando as ações de promoção em saúde no Campus e nas escolas municipais e estaduais adjacentes, até mesmo com possibilidade de se transformar em política de saúde ao aluno adolescente do Instituto Federal Fluminense.

4. Considerações finais

O emprego do lúdico e da arte teve um impacto positivo no desenvolvimento dos encontros pedagógicos em saúde, ao aguçar a atenção e o desejo dos adolescentes ávidos por informação, transformando-os em protagonistas de seu autocuidado.

Salienta-se que o ensinar brincando permite um desenvolvimento consciente e motivado do aluno adolescente, pois transforma conhecimento em norma e em hábito saudável, primícias para viver bem em sociedade. Deve-se ponderar que o lúdico e a arte podem ser experienciados nas diversas formas na saúde escolar ao adolescente a partir da criatividade dos profissionais de saúde, assegurando benefícios ao processo ensinar-brincar-cuidar.

A experiência vivenciada fortalece ações entre as instituições educacionais em prol do bem-estar e do equilíbrio biopsicossocial do aluno adolescente, criando espaços de discussões e reflexões sobre temáticas de interesse do público juvenil, com o intuito de provocar a aquisição de hábitos e atitudes salutares ao enfrentamento dos riscos diante das vulnerabilidades próprias dessa fase.

Referências

- ABERASTURY, A. *et al.* Adolescência e psicopatia. In: ABERASTURY, A.; KNOBEL, M. (orgs.) **Adolescência Normal**: um enfoque psicanalítico. 3. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1984.
- AZEVEDO, A. E. B. I.; REATO, L. F. N. Manual de Adolescência. In: POIT, M. L.; BANZATO, R. M. (orgs). **Monitoração do crescimento físico e desenvolvimento puberal**. Barueri, SP: Manole, 2019. p. 32-45.

BRASIL. Ministério da Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. **Marco teórico e referencial**: saúde sexual e saúde reprodutiva de adolescentes e jovens. Brasília, 2006a.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Programa Nacional de DST e Aids. **Diretrizes para implementação do Projeto Saúde e Prevenção nas Escolas**. Brasília, 2006b.

CASEMIRO, J. P.; FONSECA, A. B. C.; SECCO, F. V. M. Promover saúde na escola: reflexões a partir de uma revisão sobre saúde escolar na América Latina. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 3, p. 829-40, 2014.

CROMACK, L. M. F.; BURSZTYN, I.; TURA, L. F. R. O olhar do adolescente sobre saúde: Um estudo de representações sociais. **Ciências e Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 2, p. 627-634, 2009.

ERIKSON, E. H. Oito idades do homem. *In*: ERIKSON, E. H. (org.). **Infância e sociedade**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1976.

FAIAL, L. C. M. *et al.* Vulnerabilidades na adolescência: um campo oportuno para a prática da saúde: revisão integrativa. **Journal of Nursing UFPE on line**, Recife, v. 10, n. 9, p. 3473-82, set. 2016a. Disponível em: www.revista.ufpe.br/revistaenfermagem/index.php/revista/issue/view/143. Acesso em: 8 set. 2016.

FAIAL, L. C. M. *et al.* A escola como campo de promoção à saúde na adolescência: revisão literária. **Revista PróuniversSUS**, Vassouras, v. 07, n. 2, p. 27-34, jan./jun. 2016b. Disponível em: <http://editorauss.uss.br/index.php/RPU/issue/view/62/showToc>. Acesso em: 1 jul. 2016.

FAIAL, L. C. M. *et al.* A saúde na escola: percepções do ser adolescente. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 72, n. 4, p. 1017-26, jul./ago. 2019a. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/reben/v72n4/pt_0034-7167-reben-72-04-0964.pdf. Acesso em: 19 ago. 2019.

FAIAL, L. C. M. **A percepção do ser adolescente sobre a educação em saúde**: uma perspectiva MerleauPontiana. 2019. (Doutorado em Ciência do Cuidado em Saúde) – Escola de Enfermagem Aurora de Afonso Costa, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2019b.

FONTANA, R. T.; SANTOS, A. V.; BRUM, Z. P. Health education as a stragy for healthy sexuality. **Journal of Research Fundamental Care on line**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 4, p. 529-36, out./dez. 2013. Disponível em: http://www.seer.unirio.br/index.php/cuidadofundamental/article/view/2084/pdf_974. Acesso em: 10 mar. 2020.

GOULART, B. N. G.; LUCCHESI, M. C.; CHIARI, B. M. A unidade básica de saúde como espaço lúdico para educação e promoção de saúde infantil. Relato de experiência. **Revista Brasileira de Crescimento de Desenvolvimento Humano**, São Paulo, v. 20, n. 3, p. 757-761, 2010.

MARQUES, E. P. *et al.* O lúdico no cuidado à criança a ao adolescente com câncer: perspectivas da equipe de enfermagem. **Escola Anna Nery Revista de Enfermagem**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 3, jun. 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ean/v20n3/1414-8145-ean-20-03-20160073.pdf>. Acesso em: 4 out. 2019.

NASCIMENTO, A. A. *et al.* Uso de álcool e drogas na adolescência: a utilização do lúdico para reflexões e discussões na enfermagem. **Revista Conexão da UEPG**, Ponta Grossa, v. 8, n. 2, p. 312-319, jul./dez. 2012.

OLIVEIRA, E. J. P. *et al.* “Heróis da Saúde Bucal”: saúde bucal numa abordagem lúdico-recreativa. **Revista Ciência em Extensão**, São Paulo, v. 12, n. 3, p. 55-65, out. 2016.

PINTO, M. B. *et al.* Atividade Lúdica e sua importância na hospitalização infantil: uma revisão integrativa. **Revista da Universidade Vale do Rio Verde**, Três Corações, v. 13, n. 2, p. 298-312, 2015.

REIS, D. C. *et al.* Vulnerability and access in adolescent health in view of the parents. **Journal of Research Fundamental Care Online**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 2, p. 594-606, abr./jun. 2014. Disponível em: http://seer.unirio.br/index.php/cuidadofundamental/article/view/3040/pdf_1248. Acesso em: 10 jan. 2017.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. WHO. **Global status report on alcohol and health 2014**. Geneva, 2014. 376 p. Disponível em: http://apps.who.int/iris/bitstream/10665/112736/1/9789240692763_eng.pdf. Acesso em: 4 nov. 2017.